

Prostituição - artes e manhas do ofício

Comentários

Resultado de uma produtiva pesquisa com as profissionais do sexo em Goiânia, o livro de Rogério Araújo, *Prostituição: artes e manhas do ofício*, traz para o leitor muitas informações sobre a prostituição feminina de rua ou trottoir, que é o foco central do trabalho.

No entanto, como este é o primeiro trabalho sobre prostituição em Goiás, o autor se viu obrigado, para ganho de todos, a fazer um mapeamento da prostituição em geral para situar, nesta configuração espacial, moral e comercial, o grupo específico que estudou.

Assim, além das mulheres que trabalham nas ruas, outras categorias de profissionais do sexo são apresentadas, como os michês, travestis, pessoas que exercem a prostituição em casas fechadas, casas de shows e de massagens e através de anúncios em jornais. Aborda também modalidades mais recentes de prostituição, como as operadas através de celulares pelas chamadas garotas de programa e a ciberprostituição, termo que designa a oferta de serviços sexuais via internet.

Nos anúncios de jornais, as informações mais encontradas são a descrição dos atributos físicos dos/das profissionais do sexo, os tipos de serviços oferecidos e a qualificação da clientela a ser atendida.

Para não perder o fio da meada entre tantas opções que o trabalho apresenta – não há como não se surpreender com o cotidiano das travestis nas ruas ou ficar impassível ante o relato da violência que sofrem –, resolvi focalizar meus comentários exclusivamente sobre a prostituição feminina de rua, discutindo certas questões que sobressaíram de minha leitura do texto.

Embora a pesquisa tenha sido feita em Goiânia, o texto escapa do viés paroquial através de duas estratégias: primeiramente por meio do diálogo que estabelece com trabalhos sobre prostituição em outras capitais brasileiras, através de um levantamento bibliográfico minucioso e atualizado. Esse diálogo que ora confirma similaridades, ora aponta divergências, ora questiona interpretações formuladas faz com que o livro se torne realmente comparativo. A outra estratégia é o uso das reflexões teóricas contemporâneas que permitem uma interpretação mais atual e enriquecedora dos achados etnográficos do pesquisador, como demonstram, por exemplo, as discussões sobre corpo e identidade.

Esses temas, que se tornaram uma verdadeira voga entre a comunidade acadêmica, nos últimos anos – haja vista a quantidade de livros e artigos escritos sobre o assunto –, são retomados pelo autor, porém de forma crítica, o que o leva a relativizar a ênfase na aparência valendo-se da fala das mulheres que participaram da pesquisa.

Ao contrário do que crê o senso comum, bombardeado pela excessiva oferta de meios de manutenção da forma física, da beleza e da juventude perenes – academias, cosméticos, cirurgias, regimes, medicamentos etc. –, as profissionais do sexo revelam, de modo geral, uma concepção mais utilitarista e menos hedonista do corpo. Para elas, o corpo é fundamentalmente um instrumento de trabalho.

Em suas falas é explícita a preocupação com os cuidados de saúde, com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, com idas periódicas aos ginecologistas etc. Para essas mulheres, seu corpo é seu único meio de trabalho e a doença é definida como um obstáculo à possibilidade de trabalhar. Sendo assim, parece crível que o uso de preservativo seja generalizado entre elas e que cerca de 84% das profissionais do sexo afirmem não aceitar programas cuja exigência é o não uso do preservativo, ainda que por esses programas recebam mais.

Um outro aspecto digno de nota e que corrobora a idéia de que o corpo é concebido principalmente de forma instrumental é a separação que as profissionais do sexo fazem entre sexo, prazer e afeto. Entre as inúmeras regras que orientam o aprendizado e o exercício do ofício da prostituição, a mais notória – isto é, a mais relatada, a mais recorrente nas conversas – é o treinamento corporal e o disciplinamento da subjetividade para impedir que o ato sexual seja contaminado, se assim posso me expressar, pelo prazer e principalmente pelo afeto.

É por meio desse corte que as profissionais do sexo podem delimitar áreas internas de intimidade que não coincidem, necessariamente, com a noção de intimidade manejada por mulheres que não exercem a prostituição como um trabalho regular.

Na verdade há poucas pesquisas sobre a subjetividade das mulheres e homens trabalhadores/as e pobres, embora haja muitos estudos sobre suas práticas sociais objetivadas.

Sobre a questão da identidade, o autor trabalha com a concepção contemporânea que rejeita a idéia de que a identidade é uma essência fixada de uma vez por todas e independente da diferença. O entendimento atual é de que há uma interdependência entre identidade e diferença e de que ambas são produzidas no contexto de relações culturais e sociais.

Ao afirmar a identidade, delimitamos a diferença por meio da criação de fronteiras e de classificações que expressam o acesso desigual dos grupos sociais ao estoque dos bens simbólicos e materiais disponíveis. É por isso que as definições sociais de identidade e diferença podem se tornar objetos de disputa e de negociação entre grupos situados em relações assimétricas de poder.

No livro de Rogério Araújo, as profissionais do sexo, como um grupo diferente e marcado negativamente, exibem várias estratégias de negociação identitária aprendidas na lida com colegas, clientes, policiais, traficantes, comerciantes, companheiros, familiares e moradores dos bairros por onde circulam, e essas negociações envolvem tanto a negação e o mascaramento de sua prática de trabalho quanto a reclassificação interna que transfere para as “noiadas” – termo pejorativo usado para designar as usuárias de drogas – os atributos negativos que são usualmente relacionados à prostituição em geral.

Uma outra novidade que o livro nos traz é a recusa do autor em reduzir a profissional do sexo à sua atividade, como se a prostituição fosse a única dimensão significativa da vida dessas mulheres, a exemplo de muitos estudos que apostam no exotismo do moralmente divergente.

Sem desconhecer as implicações e as sanções legais, sociais e morais do exercício da prostituição – a estigmatização, a exclusão, as várias formas de abuso e violência, a negação

dos direitos básicos –, o autor procura também outras dimensões constitutivas da biografia da profissional do sexo, para além da esfera do trabalho. Suas crenças religiosas e morais, suas relações de parentesco, compadrio, afeto e companheirismo, suas práticas de lazer, seus sonhos e esperanças.

Assim, se o livro relata sobre o difícil aprendizado da arte da prostituição – como usar a gestualidade corporal como meio de atração, como ler e classificar clientes, como negociar preços e pedidos, como minimizar as ocasiões de violência nas negociações entre as profissionais do sexo e os diferentes personagens que compartilham, vivem e transitam pelo mesmo território –, ele também nos deixa ver essas mulheres, uma vez cumprido o turno de trabalho, voltando para suas casas, para seus filhos e companheiros, cozinhando sua comida de todos os dias e dos dias de festas, indo às compras, à missa e aos cultos de sua preferência, passando um domingo no clube, pagando escolas para os filhos e expressando, em cada conversa com o pesquisador, o desejo e a decisão sempre adiada de deixar a prostituição de forma definitiva.

--

Este livro é fruto de uma pesquisa de campo, em que Rogério Araújo observou, ouviu e entrevistou profissionais do sexo (michês, travestis e mulheres prostitutas) da cidade de Goiânia.

Embora a pesquisa tenha sido realizada numa cidade específica, os resultados obtidos revelaram-se claramente universais: a prostituição, mesmo com as profundas mudanças sociais mais recentes, mantém-se viva. E se reafirma nas ruas, em bordéis, em casas de massagem e de strip-tease, em insinuantes anúncios de jornais e até na forma da ciberprostituição via internet, ganhando novas roupagens e expressando mudanças significativas nas relações entre o profissional do sexo e o cliente, tanto no plano material quanto no simbólico.

O autor demonstra que, mesmo com suas singularidades, o ofício se constitui como qualquer outro, permeado de situações de cumplicidade e também de rivalidade. Assim como em outras ocupações, as artes e as manhas do ofício são aprendidas cotidianamente por cada profissional, num esforço que inclui enfrentar embates e superar obstáculos, sempre com o objetivo de tornar suportáveis, ou em alguns aspectos até prazerosas, as situações vivenciadas no dia-a-dia.

Atento ao panorama observado, Rogério Araújo oferece um mapeamento completo do assunto, revelando ao leitor pessoas que verbalizam suas preocupações com a vida e com o futuro. E, falando do futuro, explicitam o desejo, muitas vezes utópico, de deixar o ofício que as marginaliza.